

# "FH sem complexo de vira-latas"

**F**ernando Henrique Cardoso faz hoje seu discurso na Assembleia Nacional da França. Não é pouca honraria. Os dois últimos estrangeiros convidados ao Hemiciclo foram Bill Clinton (no poder) e Tony Blair. FH é o primeiro brasileiro na História. Diga-se o que se disser de seu governo, mas reconheça-se que o homem é um sucesso no que se convenção chamar diplomacia presidencial. Em uma semana terá fechado um ciclo de conversas que começou em Madri, com o presidente José Maria Aznar e uma boa fatia da nova Europa do Leste e dos Balcãs. Domingo, Blair; ontem, Lionel Jospin; amanhã, Jacques Chirac. Depois, assembleia da ONU, certamente George W. Bush e, em janeiro, Vladimir Putin, com as introduções devidamente feitas, ainda em Madri, por Mikhail Gorbachov.

Pode-se contar nos dedos os seres humanos que se aproximaram tanto do centro nervoso da crise instalada pelos aviões de 11 de setembro. A estratégia de FH é deliberadamente transformar-se e ao Brasil em atores da primeira cena. Os movimentos nesses dias são de aproximação e reconhecimento do terreno. FH fala em democracia e combate à miséria, temas sem patente partidária. Acompanhá-lo com seriedade é mais proveitoso que tentar ridicularizá-lo. Definitivamente, o presidente do Brasil superou o complexo de vira-latas de que falava Nelson Rodrigues, aquele sentimento de inferioridade que leva os brasileiros ao fracasso antecipado em qualquer confronto internacional, seja a Copa do Mundo ou um conflito militar.

O ministro Celso Lafer cobra essa atitude negativa de setores da imprensa e da oposição brasileira. "Me incomoda a visão modesta e apequenada que se faz na imprensa da movimentação diplomática brasileira", diz Lafer, assumindo-se como animal político longe do palácio do Itamaraty. "Quanto à oposição, deveria pelo menos reconhecer a profunda convicção democrática do presidente Fernando Henrique Cardoso. Seu discurso em defesa da democracia nesse momento não é gesto oportunista, é manifestação de coerência com sua história pessoal".

## Poucos estão tão perto dos atores da crise

FH foi notícia de primeira página ontem no espanhol "El País", o mais europeu dos diários. "Há que defender a lógica da liberdade ante a lógica do terrorismo". Não é blablabá nem nhenhênem. Tem a ver com o futuro do planeta e nenhum chefe de Estado expôs a questão

de forma tão apropriada quanto FH em sua passagem pela Espanha. "A lógica do terror é a lógica do medo", disse ele. **Combatê-lo é vital, mas com a cautela de não suprimir as liberdades individuais e democráticas, algo que pode estar começando a ocorrer nos Estados Unidos.**

Os norte-americanos estão acuados pelo medo, que é péssimo conselheiro. Foi o medo dos terroristas ocultos que levou o Congresso a aprovar boa parte do pacote liberticida do governo George W. Bush semana passada. Começam a restringir direitos de estrangeiros em seu próprio país. O risco de extrapolar existe. Neste momento, fala-se dos americanos a boca pequena, porque todos reconhecem seu poder de fogo e dão-lhes o direito de se defender dos ataques. Louva-se a preocupação que tiveram em criar uma rede de legitimação internacional, mas é patente o receio de que cometam algum erro grave e irreparável.

A conversa com Tony Blair foi, para Fernando Henrique, a oportunidade de expor suas preocupações ao chefe de governo mais próximo do centro de decisões. Blair é parceiro político e militar de W. Bush e tem uma visão de mundo, digamos... Digamos que Blair tem uma visão de mundo. FH tem com o primeiro-ministro uma empatia pessoal e política que lhe permitiu a incursão de domingo na casa de campo de Chequers. Com eles esteve Bill Clinton, outro chegado de FH, que tem sido consultado por Bush sobre a situação. Americanos valorizam quem passou pela Casa Branca. Formam um clube que se reúne em situações complicadas, acima de divergências.

Não será por falta de canais personalizados, portanto, que a preocupação de FH deixará de chegar ao centro de decisão na Casa Branca. O discurso na abertura da assembleia-geral da ONU, no qual FH vai repisar sua idéia de globalização solidária, com uma nova distribuição do poder político e dos investimentos, já terá chegado aos ouvidos dos que realmente decidem no mundo. A ONU será a moldura de um quadro que vem sendo pintado há tempos.

"Os anos 90 internalizaram a questão mundial na vida dos países e o governo brasileiro tem clara percepção desse fenômeno", afirma Celso Lafer. "Lidar com as conseqüências disso é condição para administrar políticas públicas no Brasil ou em qualquer outro lugar". 11 de setembro alojou a questão da segurança na agenda dos países, como a movimentação financeira global já havia criado a necessidade de se rever os mecanismos de regulação desses movimentos.

A história está cobrando e ao mesmo tempo oferecendo a FH a oportunidade de reincluir o Brasil no circuito das decisões. Qualquer que seja o papel reservado ao país e a seu presidente, será melhor que ver o tempo passar de braços cruzados. "O país tem ativos intangíveis, como a capacidade de conviver interna e externamente com diferentes culturas e civilizações", lembra Lafer. FH está agarrado a esta oportunidade. E que ninguém se espante se ela render frutos na terra dos vira-latas.

Ricardo Amaral é repórter especial de Política, em Brasília. *Valor*  
Escreve às terças-feiras  
E-mail ricardo.amaral@valor.com.br

30 OUT 2001